

Sarney diz que cortou

Viagem

QUARTA-FEIRA, 8 DE JUNHO DE 1988

ameaça nuclear

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — O presidente José Sarney disse ontem que desarmou, com o presidente Raúl Alfonsín, da Argentina, "qualquer ameaça nuclear na América Latina". A afirmação estava no discurso feito no plenário da Organização das Nações Unidas (ONU), com apenas a metade das cadeiras ocupadas.

Sarney foi interrompido uma única vez: o deputado mineiro Milton Reis (PMDB) gritou "muito bem!" de uma galeria lateral, reservada para convidados. Sentado perto de Marly Sarney, o constituinte se exaltou com a frase "os impérios não duram eternamente; a História é mais forte e mais dinâmica que as hegemonias", que estava no final do discurso, aplaudido por alguns segundos.

"Estavam lá todos os representantes dos sete países grandes" (Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha Ocidental, Japão, Itália e Inglaterra), orgulhou-se um funcionário do governo brasileiro. "É isto que conta: os grandes." A fila que se formou para cumprimentar o presidente Sarney foi longa, mas sem grandes nomes.

O embaixador norte-americano na ONU, o general Vernon Walters, disse ao presidente Sarney, no momento em que o cumprimentou demoradamente: "Foi um grande discurso, que está à altura da expressão moral de seu país".

O discurso brasileiro na III Sessão Especial da Assembléia da ONU sobre desarmamento continha uma primeira análise oficial da reunião

de cúpula entre o presidente Ronald Reagan e o líder soviético Mikhail Gorbachev, sobre a qual "as luzes da ribalta" ainda estão concentradas. "Eles (Reagan e Gorbachev) tiveram a coragem de romper barreiras e começaram de maneira efetiva um programa de desarmamento, que não pode parar e que deve continuar, para que se rompa essa teoria satânica de que a paz é o equilíbrio do terror."

DESINTERESSE

Poucos jornalistas não-brasileiros se sentaram na tribuna da imprensa da ONU, vazia. Só hoje o presidente Sarney receberá os reporteres do *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Wall Street Journal*, *Financial Times* e *Christian Science Monitor* para um café da manhã, em sua suíte do 14º andar do Hotel Intercontinental, a quatro quarteirões de onde prosseguem as negociações da dívida externa brasileira. A iniciativa da entrevista coletiva partiu da Embaixada do Brasil em Washington. Ontem, após seu discurso, o presidente Sarney deu uma entrevista para o circuito hispânico da cadeia mundial de televisão a cabo, a CMN. Os principais jornais americanos ainda não deram nenhuma nota sobre a visita do presidente brasileiro.

Logo depois de elogiar a coragem de Reagan e de Gorbachev, Sarney revelou suas preocupações: "O fato de que a paz e a guerra são, nos dias de hoje, problemas que afetam a própria existência da Terra, que pode ser várias vezes destruída. A nossa atitude de países pobres e desarmados, impotentes na fantás-

tica corrida da tecnologia da destruição, não pode ficar apenas na posição do aplauso antigo: Ave, César, os que vão morrer te saúdam".

Falando sobre a morte o presidente declamou uma poesia de Ferreira Gullar, e acrescentou que "a questão (do desarmamento) não é apenas das grandes potências — é perigosa demais para esgotar-se entre dois homens, embora a responsabilidade maior lhes pertença".

FRONTEIRAS VANGUARDISTAS

A partir daí ele abandonou as superpotências para tratar da América Latina: "Presido uma nação que se orgulha de não ter pendências ou hipotecas a resgatar no campo da paz e da segurança internacionais (...). Temos fronteiras com dez países, sem nenhum problema, que se transformam em vanguardas vivas da amizade e da integração".

O presidente Sarney repetiu o seu compromisso de utilizar a energia nuclear exclusivamente para fins pacíficos: "Como declarei ao anunciar, em 4 de setembro de 1987, o domínio pelo Brasil da tecnologia do enriquecimento do urânio não pode prescindir do acesso amplo e desimpedido ao conhecimento científico e suas aplicações pacíficas". O desarmamento da América Latina, era considerado, ontem, por membros da comitiva do presidente Sarney, a parte mais importante do discurso brasileiro. O convite do presidente argentino Raúl Alfonsín para cientistas brasileiros visitarem as instalações de enriquecimento de urânio e pesquisas nucleares em Picaneyeu, nos Andes, foi lembrado como "um momento sem precedentes nas relações entre países".

Questão das Falklands preocupa

Em outro momento de seu discurso, já então com o plenário ocupado pela metade — no começo, às 10h20, estava vazio —, o presidente Sarney qualificou de "preocupante" a falta de solução para a questão das ilhas Falkland Malvinas. E voltou a atacar "o regime apertista na África do Sul, pela contínua ocupação ilegal da Namíbia". Para ele, o Brasil quer que nenhum Estado peça a qualquer outro que tome medidas de desarmamento que ele próprio não esteja disposto a tomar. Em segundo lugar, que seja respeitado o princípio da igualdade: "As preocupações de segurança de um Estado são tão válidas, tão importantes e tão revelantes quanto as de qualquer outro". Terceiro: "Que o desenvolvimento industrial e tecnológico não desobrigue qualquer país de observar e respeitar medidas de desarmamento internacionalmente acordadas". Quarto: "A não-militarização do espaço exterior constitui pré-requisito essencial para a adoção de medida significativa de de-

sarmamento regional". E quinto: "A proliferação geográfica de armas nucleares compromete a posição adotada por muitos Estados de renunciarem à opção nuclear".

O presidente Sarney concluiu dizendo que "o holocausto nuclear não poderá vir" e lembrou a Irmã Teresa, em Calcutá, e a Irmã Dulce, no Brasil.

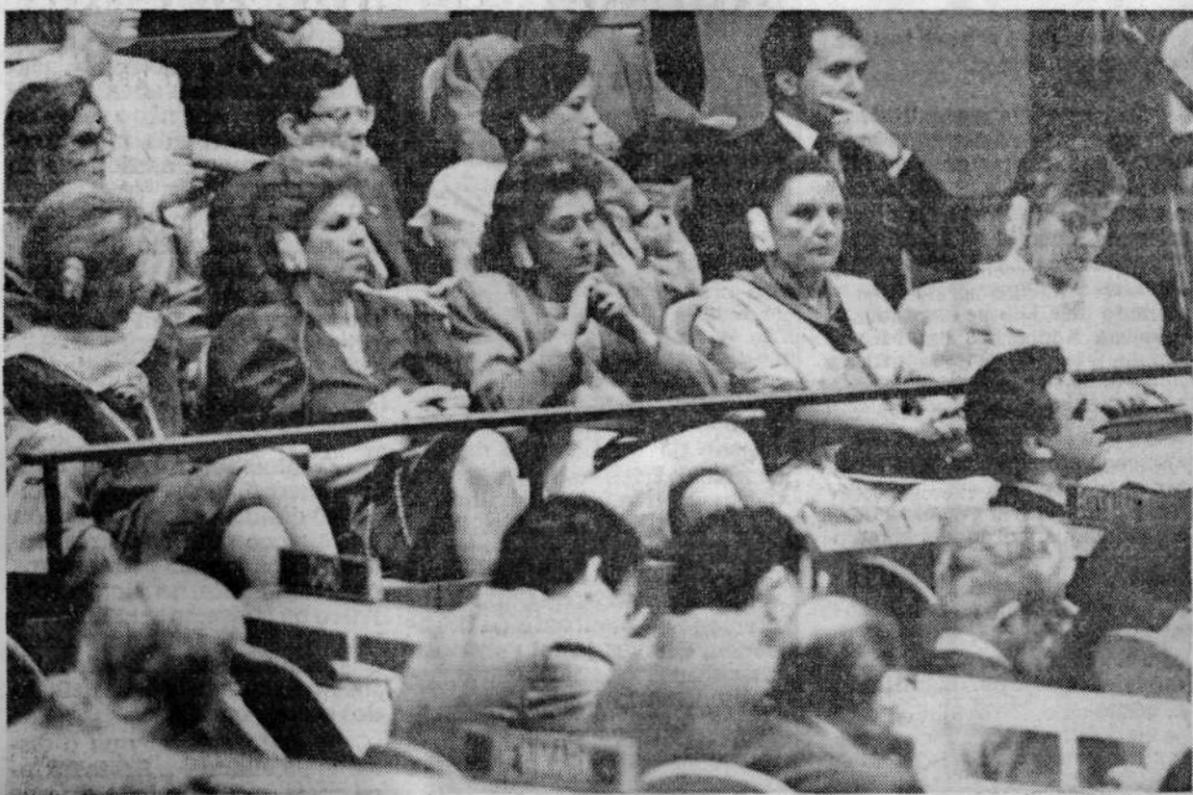
Antes de falar na ONU, o presidente foi recebido pelo secretário-geral, Javier Pérez de Cuellar. Depois, o grupo dos países latino-americanos e do Caribe promoveu uma sessão em sua homenagem, na qual ele repetiu que "nossa região pode orgulhar-se de ser a menos armada do mundo" e "compete-nos a construção de um mundo mais seguro, sobre o qual não pesem as realidades da miséria e da fome e a ameaça da catástrofe nuclear".

O presidente Sarney almoçou com os oito convidados de sua comitiva, todos deputados, no Restaurante Gianbelli, e de noite foi a um coquetel na casa de Aimée de

Heeren, brasileira que se casou com um americano. Ele jantou com o presidente de Portugal, Mário Soares.

A frente do Hotel Intercontinental, ontem, um guarda de trânsito, Lenny, insistia em multar em 30 dólares os carros da comitiva brasileira estacionados irregularmente. Alguns caixotes com computadores e toca-discos laser foram vistos sendo carregados para dentro do hotel. Alguns repórteres apuraram que membros da comitiva podem comprar qualquer aparelho eletrônico ligando para 212-3912840, o número da City Serviços, de um brasileiro chamado Elton. Um Toshiba 1200, que foi para o apartamento 1.426 do hotel, reservado para "apoio", custou 2.380 dólares. E um toca-discos, 630 dólares.

"Vendo qualquer coisa. Mas não garanto a entrada no Brasil", disse Elton. Sendo da comitiva, como ficou subentendido, não haveria problema de alfândega. (M.R.)



Carlos F. e. c. i. r. h.

Marly Sarney ouve na galeria o discurso do marido e o apoio de Milton Reis



Carlos Fenerich

Multado carro da comitiva

Depois do discurso na ONU, o presidente Sarney foi almoçar, junto com dona Marly e oito de-

putados de sua comitiva, no restaurante Gianbelli, na rua 50. Enquanto isso, a exemplo do que já

acontecera na porta do hotel Intercontinental, uma policial multava os carros da comitiva estacionados irregularmente.